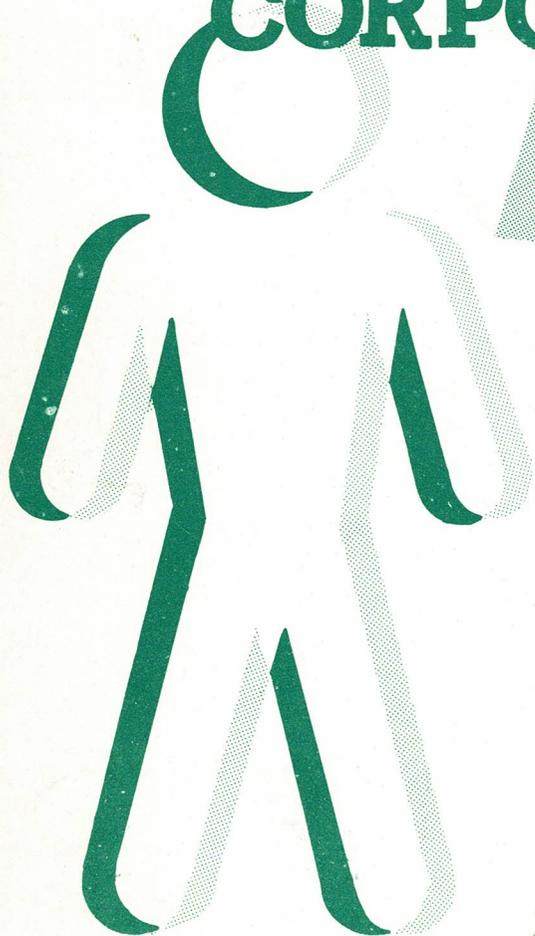


ANTONIO MOURÃO CAVALCANTE
(ORGANIZADOR)

CORPO DE SAÚDE
CORPO DE FÉ



1990

O CORPO EM FESTA

GUY VINCENT

No contexto geral de pesquisas sobre as culturas populares fui naturalmente me interessando pelo fenômeno da festa. Realizei estudos de sociologia histórica sobre a evolução das festas, do século XIX até nossos dias, numa área determinada: uma pequena cidade industrial do sul de Lyon e de vilarejos circunvizinhos (pesquisas realizadas com um especialista de sociologia dos jogos e dos esportes, J. Camy).

Quando da renovação do tema da festa depois de 1968 no pensamento europeu, fez presente uma concepção de festa que dá importante lugar ao corpo, mais como "liberação" do desejo, exaltação de uma subjetividade individual liberada.

Uma tal concepção torna difícil de articular festa e luta política, como testemunha paradoxalmente o famoso slogan: "Não há luta sem festa, não há festa sem luta". Ela me parece o posto da festa popular que é sempre festa do grupo, festa coletiva. É desta que eu gostaria de falar.

Por sinal, se assiste a alguns anos a recrudescência, uma renovação, na França, das festas coletivas (vilarejos, associações). E o corpo, ou melhor, a corporeidade, tem um lugar muito particular: não mais a festa dos corpos, como precedentemente evocado, mas o corpo em festa. Onde, inclusive, o título desta comunicação.

Detenho-me a discutir sobre um ou dois pontos, faço minha a famosa tese de Bakhtine no seu livro sobre Rabelais (escrito em 1940 e publicado na França em 1970): a festa é a essência da cultura popular, o carnaval é a essência da festa. O carnaval, ou mais precisamente o carnavalesco, uma vez que o que o caracteriza pode-se encontrar em formas culturais diversas, que não estão apenas na festa da Terça-Feira Gorda.

E, para clarificar mais um pouco, indo um pouco rápido, as hipóteses que submeto à discussão, eu juntaria duas citações. Uma célebre, evocada por Bakhtine, é de Goethe: "O carnaval é a única festa que o povo se dá a si mesmo". (As outras "festas" lhe são dadas pelos grandes e pelos poderosos).

A outra citação nos reenvia a realidades presentes e trágicas. Nas pesquisas sobre a cultura popular, a socióloga francesa Collette Petonnet estudou especialmente os subúrbios das cidades francesas e as favelas marroquinas e francesas. Ela crê possível caracterizar uma relação popular ao corpo ou uma cultura popular do corpo da seguinte maneira: exteriorização física dos sentimentos, contatos corporais, disciplina da dor, aceitação do corpo independente de todo cânone estético "o corpo admitido qual tal", seja obeso, sujo; entretanto não se deve concluir que a estética não existiria nas

classes populares).

Enfim, última observação: pode-se dizer da festa o que os etnólogos, em particular Françoise Loux, dizem da cultura das sociedades tradicionais: o corpo é o suporte de toda a simbolização.

Creio que se pode avançar bastante na reflexão, fazendo convergir diversas linhas de análise de condutas geralmente separadas: lugar da festa na cultura popular, lugar e papel do corpo na festa, relação do corpo nas culturas populares.

Antes de indicar com grandes traços o que poderia ser uma tal análise - que está longe de ser concluída - devo certamente me justificar aos sociólogos e antropólogos brasileiros. Pode parecer, com efeito, presunçoso da parte de um francês falar aqui de carnaval. Mas de uma parte não se trata de uma essência que seria passada, século XIX, na Europa e na América do Sul e que seja mantido intacto: as formas culturais se modificam no curso da história.

Doutra parte, conhecemos na Europa, e em particular na França, ao lado de algumas formas mais ou menos folclorizadas e comercializadas de antigos carnavais, o que se chama de festas carnavalescas. São estas que

estudei, na região especificada anteriormente, quando das festas de padroeiros dos lugarejos, festas de associações ou de grupos em cidades e lugarejos.

A hipótese parece se verificar, segundo a qual, mesmo nas sociedades muito industrializadas, mesmo nas "sociedades de consumo", de formas culturais, possuindo sempre, algumas delas, traços característicos do carnaval.

Que se deve entender por carnavalesco e qual o papel empreendido pelo corpo?

É muito fácil descrever a festa tradicional. De um ponto de vista fenomenológico, a festa não apenas interrompe o curso da vida quotidiana para dar lugar ao extraordinário (o barulho, a luz, o bom repasto, o "muito a beber"...), mas ele coloca o "mundo às avessas": os jovens tomam o lugar dos adultos, inclusive dentro do poder municipal, os homens vestem-se de mulheres e, reciprocamente, os pobres são vestidos como ricos...

Por uma série impressionante de permutações, opera-se a transformação das hierarquias, das ordens e dos valores: trocando do alto e do baixo, do escondido e do mostrado, da face e do traseiro, do belo ao bobo. E isto até os paroxismos, que são, por exemplo, a exibição, a exaltação do corpo grotesco. (1)

Estas inversões momentâneas, durante o tempo da festa, foram interpretadas pelos sociólogos e etnólogos funcionalistas, inclusive alguns sociólogos brasileiros que pude ler, como meios de reafirmar a ordem social e os valores fundamentais do grupo. Mostrar o caos é uma maneira de celebrar a ordem. E isto de uma maneira mais intensa e eficaz, posto que tudo se opera não por palavras, mas pelo corpo, o que coloca em jogo (a música, a dança, a embriaguez, o transe...) é inclusive o que faz a dificuldade de uma semiologia da festa: como interpretar todos estes símbolos?

Mas esta dificuldade não viria também do fato que a essência do carnavalesco seria de jogar com as oposições, os contrários (belo/feio, vida/morte)? Em nosso texto de 1981, publicado no último número de nossos Cadernos (2), descrevíamos que toda "festa" se situa entre dois pólos opostos, da cerimônia e da transgressão. O equívoco do funcionalismo seria o de acreditar na existência de apenas um pólo, o da celebração, e de ocultar o caráter subversivo da inversão.

Pode-se fazer, e realmente se fez, o mesmo tipo de crítica a Bakhtine, que tem uma visão positiva e "otimista" do carnaval, em se corporificando no homem, o carnaval torna o homem feliz. O homem carnavalesco, que é descrito por Rabelais na Gargantua, roto, defecado e urinado com a

inocência do recém-nascido.

Mas a inocência, se ela abole a oposição do bem e do mal, é anterior a esta oposição. Esta categoria converia melhor à festa segundo Rousseau. A festa carnavalesca joga sem cessar sobre as oposições, sobre os contrários. Ela é a transgressão das regras habituais e não celebração de uma unidade reencontrada.

Donde os seus laços, atestados historicamente, com a revolta (brusca recusa de um mundo até então aceito, imaginação de outro mundo). Encontram-se, naturalmente, exemplos na sociedade da América Central e da América do Sul. Mas, na França, temos um exemplo célebre e alguns exemplos menos conhecidos, mas significativos.

Exemplo célebre, analisado por E. Le Roy Ladurie, o do Carnaval de Romans (3) em 1580, período onde o carnaval atinge, na Europa, a seu apogeu: neste dia, a pantomina, a simulação de choque entre pobres e ricos torna-se bruscamente uma violência real. Pela manhã, recolhem-se os mortos. Outro exemplo, menos conhecido: em pleno século XIX, e mesmo no início do século XX, os desfiles dos grevistas reutilizavam certos símbolos do carnaval.

A festa carnavalesca como transgressão, o jogo incessante sobre os contrários nos ajudam talvez a compreender o

conjunto simbólico no qual se encerravam a maioria dos carnavais e terminavam as festas patronais chamadas de "vogues" na região de Lyon. A destruição, a morte pela queima de um manequim que se chamava algumas vezes de "carnaval" ou terça-feira gorda" (4), e que figura sem dúvida o homem carnavalesco, o corpo carnavalesco.

Em certos cenários, fantoche entupido de palha representa um homem repleto de álcool - ele tem uma garrafa debaixo de cada braço - e entupido de pedaços de alimentos, colocado sobre a proteção de três "santos", pouco cristãos: Goulart, Pansart e Soullart. A representação cria a ilusão de um braseiro espontâneo.

Se admitimos que o carnaval é a festa dos pobres, podemos admitir a interpretação seguinte. Aqueles que ao longo do ano, morrem de fome, durante alguns dias comem e sobretudo bebem "além da razão": este corpo, que degrada por falta, vai, numa espécie de apoteose explodir pelo excesso. Talvez se trate de outra morte, gloriosa e feliz.

Falta/excesso, vida/morte,..... uma série de contrastes, é um jogo, com passagens incessantes de um a outro, nesta simbolização da festa carnavalesca onde o corpo é mais que um suporte. O corpo da cultura carnavalesca, da cultura popular, é um sistema de símbolos. Ele é esta cultura quando da festa, que definimos noutra situação

como o momento onde a socialização é levada a seu ponto de incandescência. (5)

NOTAS

(1) O corpo grotesco se define pelo excesso, o exagero, a profusão. Há uma espécie de liberação dos limites, isto é, uma transgressão.

(2) Cahiers de Recherche, No.6, 1986, Université de Lyon-2, UA 893.

(3) Pequena cidade ao sul de Lyon.

(4) Na região que estudamos chamava-se o "espantalho" (boneco vestido, cheio de palha - NT). Sua "morte" concluía a festa patronal, pelo menos até 1940.

(5) A definição que nosso grupo de pesquisa deu à socialização difere daquela proposta por certa antropologia cultural. Entendemos por socialização a realização incessante, por cada grupo, de certa maneira de ser junto e de ser no mundo.